

NIGRI, M.S. **Sem fronteiras**: a envolvente história de um homem que marcou época. 1ª ed. Tatuí, casa publicadora brasileira, 2014.

SIMÕES, Daniel Soares. **O rebanho de Pedro e os filhos de Lutero**: o Pe. Júlio Maria De Lombaerde e a polêmica antiprotestante no Brasil (1928- 1944). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

SOUSA JUNIOR, José Pereira. **Estado Laico, Igreja Romanizada Na Paraíba Republicana**: Relações Políticas E Religiosas (1890 – 1930). Tese (doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SPIES, F. W. Nota sem título, The AdventReviewand Sabbath Herald, 21 de dezembro de 1911

SYLVESTRE, Josué. **Fatos e personagens de perseguição a evangélicos**: Antes que as marcas se apaguem. Curitiba: Editora Mensagem, 2014.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **Os novas-seitas**: a presença protestante na perspectiva da literatura de cordel-Pernambuco e Paraíba (1893-1936). Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

OS INTELLECTUAIS E A TRADIÇÃO SELETIVA: O MUNICÍPIO DE LIMOEIRO DO NORTE-CE NAS PRODUÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS.

Ercílio Henrique de Lima Gadelha

Mestrando UFCE

henrique-gadelha@hotmail.com

RESUMO

O objetivo desse trabalho é problematizar as diversas imagens atribuídas ao município de Limoeiro do Norte-CE por intelectuais limoeirenses, em suas respectivas autobiografias. O processo de modernização que a cidade passou entre as décadas de 1940 e 1960, depois de ter conquistado a sede do bispado (1937), parece ocupar lugar central para esses indivíduos, funcionando simbolicamente como uma ruptura entre um Limoeiro essencialmente rural, da “boa terra”, e outro urbanizado, do progresso, conhecido como “Princesa do Vale”. As obras foram escolhidas por apresentar, a partir das experiências vividas e narradas por seus autores, diversas práticas que foram apontadas como parte da tradição limoeirense, bem como elemento identitário do município. São elas: *Minhas Madrugadas* (2008); *O Menino da Ilha* (1997); e *Minha Vida... Minha Luta...* (1999).

Como referencial teórico-metodológico, o trabalho privilegiou os esforços de Raymond Williams, sobretudo pelo seu conceito de “tradição seletiva”.

Palavras-chave: Limoeiro do Norte; Tradição Seletiva; Culturas residuais

INTRODUÇÃO

Todo lugar, toda cidade, se caracteriza e/ou se identifica por alguma coisa que chama a atenção dos seus habitantes, transeuntes, visitantes, turistas etc. O nosso Limoeiro, chamado “Princesa do Vale”, tem tudo que você quiser, e mais alguma coisa... Isto eu sempre disse, e continuo dizendo.

(FRANÇA, 2008, p. 46)

O trecho acima evidencia uma preocupação da autora em afirmar que o município de Limoeiro do Norte, localizado no Estado do Ceará, na região do Vale do Jaguaribe, assim como todos os lugares, possui características que o identifica diante aqueles que, por algum motivo, teve contato com seu chão. Partindo desta afirmação, para além de conhecer quais características são essas, me interessa, sobretudo, entender como se dar o processo de associação destas com o local identificado; como tornam-se parte da tradição; quem os cria enquanto tal; e para quais finalidades.

Para o estudo desse processo de identificação, é preciso que levemos em consideração, antecipadamente, duas questões; a primeira diz respeito ao problema da dicotomia entre o tradicional e o moderno. A segunda, sobre a relação entre a forma e o conteúdo nos estudos históricos.

Vejamos, as categorias “tradicional” e “moderno”, ou “antigo” e “novo”, pelo seu caráter dicotômico, não seriam válidas no sentido amplo do termo, uma vez que todas as formas de cultura estão sempre envolvidas pelas contradições dos conflitos sociais entre dominadores e dominados, podendo ser encontrado nas identidades sociais dos indivíduos uma certa ambiguidade, ou seja, “[...] identidades que se alternam, uma deferente, a outra

rebelde.” (THOMPSON, 1998, p. 20). Apesar disso, tais categorias são úteis e necessárias quando utilizadas como indicadores das situações residuais ou emergenciais dos sujeitos, no que diz respeito às suas práticas em cada conjuntura política e social abordada.

Assim, as características incorporadas como elementos de identificação do município de Limoeiro do Norte, são analisadas aqui respeitando as situações pelas quais cada característica faz sentido, enquanto formas inseparáveis das relações sociais formadoras de uma certa cultura que lhe confere valor.

Esse trabalho analisa tais formas de identidade atribuídas ao citado município a partir de três obras; *Minhas Madrugadas* (2008); *O Menino da Ilha* (1997); e *Minha Vida... Minha Luta...* (1999). Nelas ocorre uma tentativa de ruptura que divide dicotomicamente Limoeiro do Norte, antes e depois da chegada do bispado (1937), o que implica numa série de características que contextualizam, expressando cada lado através de práticas selecionadas.

Depois de ter conquistado a sede do bispado, a cidade passou por um processo de modernização, a partir do qual, tendo à frente seu primeiro bispo, Dom Aureliano Matos, foi sendo desenhada “novas arquiteturas do poder”: Maternidade (1942), Ginásio Diocesano (1942), Comarca (1946), Patronato Santo Antônio dos pobres (1947), Tiro de Guerra (1947), Seminário (1947), Liceu de Artes e Ofícios (1953), Rádio Vale (1953), Rádio Educadora (1965), Ponte sobre o rio Jaguaribe (1965) e Faculdade de Educação (1968), bem como a chegada de equipamentos urbanos (MACHADO, 2008).

A partir desse efeito de “ruptura” causado pelo impacto dessas construções, a figura de Dom Aureliano Matos recebeu uma série de características a partir dos anos 1990 (pelo menos no que diz respeito as narrativas escritas), identificando-o como: o “prefeito que veio do céu” ou “o “prefeito” que os céus elegeram para Limoeiro” (PINHEIRO, 1997); “o pastor do amanhã” (FREITAS; OLIVEIRA, 1997); “o verdadeiro grande administrador de Limoeiro” (LIMA, 1997); o “pastor de um grande rebanho” (NUNES, 1999); “de grande visão dotado” (ALENCAR, 2011).

O mesmo ocorreu com as estruturas construídas a partir da influência exercida pelo bispado. Podemos citar a Faculdade de Educação que leva o nome do primeiro bispo – Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM – a qual foi atribuída características como: “a árvore pelo senhor [D. Aureliano] plantada”, a “grande árvore universitária” (NUNES, 1999). É importante perceber que mesmo com a tentativa de criar uma imagem de ruptura pós a chegada do bispado, podemos ver características residuais³⁷ na própria forma de apontar o “moderno”, como faz Pergentino Nunes ao tratar da FAFIDAM por analogia a uma árvore que D. Aureliano plantou. Ora, se o município de Limoeiro do Norte anterior a chegada do bispo é visto como essencialmente rural, percebemos que a paisagem ruralista não foi retirada do dialeto, ou do modo de pensar do limoeirense.

Sobre a segunda questão anunciada no início desse trabalho como importante para ser tratada antecipadamente, corroboro com o que diz Antonio Gramsci sobre a distinção entre forças materiais e formas simbólicas ser algo puramente didático, uma vez que uma não seria historicamente concebível sem a outra. Entendo assim que as relações sociais são expressas por diversos grupos de homens, através de diversas formas, e por isso, os elementos de distinção e coesão interna de um grupo, estariam no devir das relações sociais dos mesmos (1999, p. 238-245). Segundo Pierre Bourdieu,

Com Durkheim, as formas de classificação deixam de ser formas universais (transcendentais) para se tornarem (como implicitamente em Panofsky) em *formas sociais*, quer dizer, arbitrárias (relativas a um grupo particular) e socialmente determinadas” (2001, p. 06).

³⁷ Culturas residuais e culturas emergenciais são conceitos utilizados neste trabalho a partir do sentido dado por Raymond Williams, significando respectivamente; práticas e experiências reais provenientes de alguma parte do passado; “[...] novos significados e valores, novas práticas, novos sentidos e experiências [que] estão sendo continuamente criados.” (2011, p. 56-57)

Assim, é nas transformações das relações sociais, que o significado de muitas das formas culturalmente construídas e difundidas pelo senso comum dos participantes de um determinado grupo acabam se modificando e perdendo seu valor. Por isso, é preciso entender que, para que tenham sido esquecidos (os sinais aparentes de uma cultura), foram necessárias mudanças culturais proporcionadas por novas relações sociais, fazendo com que as antigas formas simbólicas não façam mais sentido.

Essas formas simbólicas seriam, corroborando com Erwin Panofsky (2001), fenomenais, pois estariam no devir das relações sociais³⁸, que por sua vez, é o que faz uma determinada cultura ser o que ela é. Se as relações sociais mudam, a cultura muda, assim como suas formas. Desse modo, a cada período, geração ou ciclo de uma sociedade surge enredos que equivale a uma nova “página” das “lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer [...]” a identidade de uma determinada nação, região ou município em relação as nações, regiões ou municípios circunvizinhos, e, sobretudo, a um passado indesejado (circunstancialmente pelo presente) dele mesmo, através de seus devidos sinais aparentes, chamados por Pierre Bourdieu (2001) de “representações objectais” (emblemas, bandeiras, cores, etc.).

A partir destas questões, o presente trabalho analisa alguns dos elementos que são utilizados para identificar ou distinguir, bem como legitimar ou desaprovar, algum recorte espaço-temporal do município de Limoeiro do Norte. Para isso, dada as limitações desse trabalho, acabei selecionando apenas três destes elementos, sendo eles; a designação de “Princesa do Vale”; A construção da ponte sobre o Rio Jaguaribe; e as bicicletas.

A “PRINCESA DO VALE” E SEU PODER SIMBÓLICO

³⁸ Essas relações sociais são equivalentes ao que o autor entende pelas qualidades que determinam a forma sob a qual os acontecimentos visíveis se manifestam. O significado apreendido dessas qualidades é o que o mesmo chamou por iconologia, contrário de iconografia que é, portanto, a descrição e a classificação desses acontecimentos visíveis. (PANOFSKY, 2001, p. 49-53)

O sentido da designação de “Princesa do Vale” (citada no início desse texto por Maria Florinda de França) através da qual a cidade de Limoeiro do Norte passou a ser chamada, tem por ancoradouro simbólico o já mencionado processo de modernização que a cidade de Limoeiro do Norte passou entre as décadas de 1940 e 1960, depois de ter conquistado a sede do bispado (1937).

Assim, para tal designação, foi associado um status de poder, significando, sobretudo, a passagem entre um “Limoeiro que era um pequeno mundo isolado, [e um Limoeiro que] começava a acordar para o progresso” (LIMA, 1997, p. 348). Contudo, esse poder ultrapassa tal conjuntura significada inicialmente, tornando o termo “Princesa do Vale” um instrumento tanto de legitimação quanto de desaprovação em outras conjunturas³⁹, dependendo da intenção daquele que o pronuncia.

Limoeiro do Norte, nesses 100 anos de história, saiu do estágio de uma fazenda e uma capela, para ser uma das mais importantes cidades do Vale Jaguaribano; é denominada “Princesa do Vale” pela sua participação no desenvolvimento da região jaguaribana (SILVA, 1998, p. 79)

Na citação acima, a autora trata a denominação de “Princesa do Vale” como um status ainda presente – “é denominada” – o que legitima Limoeiro pela sua participação no desenvolvimento da região a qual está inserida. Entretanto, tal representação foi constantemente levada a efeito nos discursos dos políticos que queriam retomar o status do município de “mais desenvolvido do Vale do Jaguaribe”, o que fazem crer, ou querem dar a entender que esse status foi perdido e por isso deve ser retomado. Assim fez Caê Pessoa, candidato a vice-prefeito na eleição de 2012, durante uma entrevista concedida a TV Jaguar: “[...] Limoeiro vai voltar a ser a princesinha do Vale, vai voltar a ser a

³⁹ O reforço da força desse instrumento contribuindo em um processo de legitimação, fundamenta *O poder simbólico* de Pierre Bourdieu.

referência do nosso Vale do Jaguaribe”⁴⁰. Paulo Duarte, do mesmo modo, discursando na comunidade do Espinho, na condição de candidato ao cargo de prefeito de Limoeiro do Norte na eleição de 2012, ao criticar a gestão de João Dilmar (2005-2008 e 2009-2012) propunha à população local a seguinte interrogação: “[...] como é que pode um município, [...] que era tido como a nossa Princesa do Vale, e hoje você as vezes tem até vergonha de andar nas ruas do município de Limoeiro, [...] é o lixo, são pedras no meio da rua, são calçadas abandonadas, são monturos. É a falta da autoridade”.⁴¹

Para além disso, dialogando a crítica realizada por Paulo Duarte apontando o inverso da Princesa do Vale, referindo-se a lixos e pedras nas ruas durante a gestão de João Dilmar, com a homenagem deixada à Dom Aureliano Matos inserida no livro *Limoeiro em Fotos e Fatos* (1997), onde diz que “nada existe no solo abençoado de Limoeiro, que não se reflita no espelho de sua sabedoria”, percebemos que o termo “Princesa do Vale” vai além de um projeto arquitetônico, passando pelo bem-estar das pessoas, higiene da cidade, ou mesmo configurando “[...] as bases do progresso de todo o Vale” (FREITAS; OLIVEIRA, 1997).

“UMA PONTE PARA O PROGRESSO”

Quando o município de Limoeiro do Norte era evocado através de termos como “Terra de Parapuã”⁴² ou “Ilha-Pátria”, o precedente para tal encontra-se na característica geográfica do município por está situado entre os rios Jaguaribe e Banabuiú (MACHADO, 2010). Assim, sendo Limoeiro uma ilha, seus habitantes habituavam-se a

⁴⁰ Convenção Arivan Lucena. *Limoeiro do Norte: Tv Jaguar*, 2012. (4:31 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nKjSw8egK-I>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

⁴¹ Paulo Duarte Reunião Paulo Duarte. *Limoeiro do Norte: Tv Jaguar*, 2012. (24:16 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uu3ENXnfNVI&list=PL1dol9eEcbHFbwAnBxOnUJJUuFMIRVM TA&index=18>> Acesso em: 18 ago. 2018.

⁴² Segundo José Wellington de Oliveira Machado (2010, p. 40), “Parapuã” é uma palavra da língua dos índios Paiacu, e significa “terra entre rios”.

certos costumes e sentimentos advindos das necessidades que tal característica geográfica lhe proporcionavam, como a utilização do pontão⁴³ e das canoas como meios para chegar as cidades circunvizinhas, bem como o medo e a ansiedade em períodos mais chuvosos, pela possibilidade de cheias.

O destino de Limoeiro esteve sempre ligado à saga dos dois rios que se encontram em seu território. Pode-se-ia dizer que, no fundo, no fundo, Limoeiro é um florido “pontão”... ancorado no Baixo-Jaguaribe, entre o pé da chapada do Apodi e as caatingas de Jatobá... (LIMA, 1997, p. 529)

Para muitos, esse destino começa a mudar quando no ano de 1965, durante a administração do professor e então prefeito Pedro Alves Filho, foi inaugurada a ponte Senador Fernandes Távora sobre o rio Jaguaribe, obra realizada pela construtora Odebrecht na localidade de Bom Jesus. Cerimônia que contou com a presença do então Presidente da República Humberto de Alencar Castelo Branco, bem como com a transmissão realizada pela Rádio Vale do Jaguaribe (NUNES, 1999).

Rufino Maia e Silva, citado aqui através do livro “Limoeiro em Fotos e Fatos” de Maria das Dores Vidal Freitas e Maria Lenira de Oliveira, apresenta a ponte Senador Fernandes Távora como aquela “que ligou Limoeiro ao mundo”, entendendo que “A ponte em Limoeiro é a vitória/ Do fruto sazonado do civismo” (1997, p. 231). Semelhante a Rufino pensam Maria Freitas e Maria Oliveira, para ambas a construção libertou “o “ir e vir” da Ilha/Limoeiro, até então acorrentada ao Pontão de Celso Malveira, de Manoel Guerreiro e às canoas, quando chegava o inverno” (1997, p. 231). Para Lúcia Silva, a ponte também libertou “a Ilha Limoeiro das amarras do pontão e das canoas” (1998, p.

⁴³ O pontão era um transporte, construído totalmente de madeira, que era utilizado para transportar caminhão, carroça, dentre outros transportes, de uma margem para a outra do rio (PINHEIRO, 1997). Além do pontão, as canoas também tinham sua importância transportando pessoas e mercadorias.

79). Segundo Pergentino Nunes, a ponte “dando acesso à cidade de Limoeiro, é considerada a obra do século para aquela cidade” (1999, p. 294).

Se por um lado, a ponte Senador Fernandes Távora serviu para libertar o Limoeiro das amarras do pontão e das canoas, ligando Limoeiro ao mundo, significando uma vitória “fruto sazoadado do civismo”, essa mesma construção acabava de criar, no campo da memória, o “Limoeiro de outrora, bem mais provincial, bem mais bucólico e bem mais poético”, que Irajá Pinheiro pretendeu mostrar em seu livro “O Menino da Ilha”.

POR ONDE CIRCULAM AS BICICLETAS NO LIMOEIRO?

As bicicletas aparecem nas narrativas autobiográficas como objetos essencialmente ligados a paisagem rural limoeirense, ou seja, ao Limoeiro da “boa terra”. É assim que Irajá Pinheiro a evoca quando diz que não tem

Nada mais agradável ao Jaguaribano do que desfrutar as delícias de um passeio de bicicleta nas nossas várzeas. [...]. Nas várzeas, os caminhos são estreitos, o terreno seco, mostrando a cor escura do barro, enegrecido pelo excesso de argila, traz na sua superfície plana as veredas por onde circulam as bicicletas do Limoeiro rural. São trilhas sinuosas, traçadas, naturalmente, entre as florestas de carnaubeiras, por onde velozmente o ciclista pedala sua bicicleta. Nas noites de luar, guidom solto, camisa aberta, o ciclista singra aquele chão de massapé, voando nas asas da imaginação, fazendo acrobacias por entre os troncos de carnaúba, como se fosse um pássaro noturno. (PINHEIRO, 1997, p. 67)

A bicicleta tornou-se presente na vida do limoeirense para além do funcionamento de transporte, pois, uma vez que dialoga com outros elementos próprios da paisagem municipal, a bicicleta também é significada como parte desse cenário. O ciclista pedala nas trilhas sinuosas traçadas entre as carnaubeiras, no chão de massapé. Tanto as carnaúbas quanto o chão de massapé são elementos muito presente na passagem rural limoeirense, uma vez que Limoeiro “é uma ilha povoada de carnaubeiras”, e seu chão é constituído de “várzeas de um barro preto chamado massapé que, no verão, toma o aspecto de duro asfalto que desmancha, pelo uso, em fino pó que vento levanta, em forma

de redemoinho. Sem ondulações, na superfície, transforma-se em ciclovia ideal” (LIMA, 1997, p. 504).

Para além das carnaúbas e o chão de massapê, as bicicletas também estabeleciam ligações com os ficus benjamim: árvores que “ofereciam refrescante sombreamentos as pessoas, animais e veículos” do município de Limoeiro do Norte, até que, em 1958, o vice-prefeito Antônio Pergentino Nunes (na ocasião o prefeito Sabino Roberto de Freitas estava viajando) determinou que derrubassem os ficus benjamim para extinguir a peste de besouros chamados “lacerdinhas”⁴⁴ (NUNES, 1999). Segundo Irajá Pinheiro, existiam ficus benjamim ao lado da igreja, na casa de José Osterne (aquele que trouxe tal árvore para Limoeiro nas primeiras décadas do século XX), onde todos os ciclistas colocavam suas bicicletas para assistir a missa. “Mais de uma centena de bicicletas, todas, na sombra do velho *ficus*”. Havia também quem transformasse o ficus benjamim em “ponto de aluguel de bicicleta. Era o caso de Antônio Pedro que tinha suas agências na esquina do mercado sob a copa de um imenso Benjamim” (PINHEIRO, 1997).

Pergentino conta que manteve contato com o farmacêutico Irajá pinheiro, “cuja farmácia fica próxima à duas grandes árvores de ficus benjamim” (NUNES, 1999). Irajá, “O Menino da Ilha”, evoca com certa frequência o ficus benjamim em suas escrituras, bem como faz Antônio Pergentino, que participou diretamente de sua derrubada. O ficus benjamim parece ter feito parte da vida desses autores como elemento de seu cotidiano, e posteriormente, através da memória, como elemento residual de uma cultura.

As bicicletas também aparecem nessas narrativas autobiográficas como elementos residuais. Contudo, a partir de uma ótica particular do movimento de uma cidade interiorana, as bicicletas também significaram adventos da modernidade, uma vez que os limoeirenses vinham dos arredores para a feira, aos sábados, e para a missa, aos

⁴⁴ Uma espécie de besouro que caía nos olhos das pessoas causando forte irritação. A designação de “lacerdinha” era por analogia a atuação do jornalista e político Carlos Lacerda, que incomodava muita gente. (PINHEIRO, 1997, p. 107)

domingos, bem como nos dias de festa e de casamento, a pé ou a cavalo. A cidade ficava repleta de cavalos que eram amarrados à sombra dos tamarineiros existentes. Aos poucos esses animais foram sendo substituídos pelas bicicletas, que começava a propagar-se, “na cidade e nas redondezas, acumulando-se, aos domingos, no patamar da Igreja” (LIMA, 1997).

A bicicleta entrou na vida do limoeirense para ficar, é o xodó do limoeirense, seja velho, menino ou menina, todos escolhiam a bicicleta. Numa casa com cinco pessoas, cada uma tinha sua bicicleta, antigamente, os padres, os professores, todos usavam a bicicleta como transporte. (PINNHEIRO, 1997, p. 136)

Como bem entendeu Irajá, a bicicleta entrou na vida do limoeirense para ficar, entretanto, para isso, ultrapassando seu uso funcional, sendo apreendida como objeto de tradição. As bicicletas que circulavam nas várzeas de chão endurecido conhecido por massapé, passaram a circular nas memórias dos limoeirenses, seja através dos escritos (poesias, crônicas e autobiografias), da oralidade, ou mesmo como monumentos.

Bem como noticiou o jornal Diário do Nordeste no dia 09 de setembro de 2013, a prefeitura de Limoeiro do Norte criou um projeto chamado “Pedala Limoeiro” que se utilizou de bicicletas, antes sucatas que já não mais circulavam, para criar esculturas que receberam um “colorido diferente” e foram expostas nas praças, nos canteiros, em prédios públicos, dentre outros lugares da cidade.

Figura 1 – Exposição do projeto “Pedala Limoeiro”.



Fonte: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/valedojaguaribe/sem-categoria/exposicao-destaca-pratica-ciclistica/>; Acesso em: 03 jul. 2019.

Figura 2 – Escultura a partir de bicicletas.



Fonte: <http://blogdebanabuiu.blogspot.com/2013/12/atrativos-limoeiro-do-norte-integra-o.html>; Acesso em: 03 jul. 2019.

Ainda segundo o jornal Diário do Nordeste, as esculturas foram expostas “para sinalizar que ali ainda se preserva a história da “terra das bicicletas””. Fato que a bicicleta é amplamente citada nos escritos dos intelectuais limoeirenses que foram mencionados ao longo desse trabalho, reforçando a designação colocada pelo jornal. Assim faz Lauro de Oliveira Lima (1997), “pode-se dizer que Limoeiro é a “cidade das bicicletas””; e Maria Florinda de França (2008), Limoeiro do Norte “é chamado Capital da Cultura, é pioneiro em Educação, é fã do esporte, é o número um em forró! Bate o recorde! Mas sua grande característica é “Terra das bicicletas””.

CONCLUSÃO

A respeito da tentativa de ruptura pela chegada do bispado (1937) em Limoeiro do Norte, mesmo que o episódio seja um marco inicial para uma série de mudanças, parafraseando Hobsbawm,

[...] isto não implica a aceitação da dicotomia grosseira e a-histórica entre sociedade “tradicional e “moderna”. A história não consiste de uma única etapa. As sociedades “tradicionais” não são estáticas e imutáveis, imunes à mudança e à evolução históricas, nem existe um único modelo de “modernização” que determina sua transformação. (HOBSBAWM, 1998, p. 216)

Dessa forma, uma vez que coexistem diferentes modelos de modernização, não podemos analisar o desenvolvimento de Limoeiro do Norte comparando-o com a velocidade de modernização de outros espaços, a exemplo da capital cearense, Fortaleza. Ou mesmo dentro do próprio município de Limoeiro, onde coexistem diferentes velocidades, como por exemplo, entre o espaço citadino e rural. Ou seja, para além do desenvolvimento arquitetônico que a cidade passou entre as décadas de 1940 e 1960 não excluir outros elementos que no passado proporcionaram mudanças na sociedade limoeirense, também não significa que durante tais décadas, o mencionado desenvolvimento arquitetônico tenha proporcionado tal impacto na vida dos limoeirenses

que residiam no campo, onde viviam sobre uma velocidade alternativa de modernização. Segundo Raymond Williams,

[...] em qualquer sociedade e em qualquer período específicos há um sistema central de práticas, significados e valores que podemos chamar apropriadamente de dominante e eficaz. [...] só podemos entender uma cultura efetiva e dominante se compreendermos o processo social real do qual ele depende: refiro-me ao processo de incorporação. Os modos de incorporação são de grande importância social. As instituições educacionais são geralmente as principais agências de transmissão de uma cultura dominante eficaz, e essa é agora uma atividade tanto econômica quanto cultural prioritária; na verdade, são ambas ao mesmo tempo. (WILLIAMS, 2011, p. 53-54)

Com isso, a modernização pela qual a cidade passou com a instalação do bispado, não deixa de fazer parte de um sistema central de práticas, pela qual a região do Vale do Jaguaribe esteve envolvida, sistema esse que continua sendo dominante e eficaz, dependendo, para isso, da incorporação do poder simbólico que designações como a “Princesa do Vale” carrega, por funcionar como instrumento de legitimação ou desaprovação de alguma administração (poder dirigente), e por assim dizer, de um grupo ou classe social.⁴⁵ O mesmo ocorre com a ponte sobre o rio Jaguaribe que, quando incorporada por um discurso dominante, determina como “bucólica” todas as práticas anteriores a sua construção, no que diz respeito aquelas práticas envolvendo a passagem entre Limoeiro e seus arredores.

Seguindo esse pensamento, mesmo que no passado as bicicletas tenham caracterizado uma imagem de caráter emergencial, ou seja, carregando novos valores, e significando novas práticas de locomoção, estas são posteriormente selecionadas e incorporadas enquanto elementos residuais de uma cultura alternativa, assumindo uma

⁴⁵ A respeito da utilização das formas simbólicas, não basta dizer que faz parte, de modo inseparável, das relações sociais, “[...] que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações”. Mas que, sobretudo, funcionam como instrumentos de imposição e legitimação de uma dominação. (BOURDIEU, 2001, p. 11)

nova característica, a de tradição. Tal processo é chamado por Raymond Williams de “Tradição Seletiva”, ou seja, “[...] o que, nos termos de uma cultura dominante efetiva, é sempre assumido como “a tradição”, “o passado significativo”. Mas sempre o ponto-chave é a seleção” (2011, p. 54). Em relação as bicicletas, tal seleção e incorporação na literatura ocorre, sobretudo, na década de 1990, como mostra os escritos aqui analisados, forjando a designação de “terra das bicicletas” como característica tradicional limoieirense. O mesmo ocorre, posteriormente, no ano de 2013, com o projeto “Pedala Limoeiro”, fazendo das bicicletas verdadeiros adornos turísticos presentes nos principais espaços do centro da cidade.

BIBLIOGRAFIA

- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz (português de Portugal). 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 322 p.
- FRANÇA, Maria Florinda de. **Minhas Madrugadas**. Fortaleza: Premius, 2008. 77 p.
- FREITAS, Maria das Dores Vidal; OLIVEIRA, Maria Lenira de (Org.). **Limoeiro em Fotos e Fatos**. Fortaleza: Edições do Autor, 1997. 477 p.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- HOBSBAWN, Eric. Os camponeses e a política. In: HOBSBAWN, Eric. **Pessoas Extraordinárias**: resistência, rebelião e jazz. Tradução de Irene Hirsch, Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 436 p.
- LIMA, Lauro de Oliveira. **Na Ribeira do Rio das Onças**. Fortaleza: Assis Almeida, 1997. 535 p.
- MACHADO, José Wellington de Oliveira. Limoeiro do Norte: Arquiteturas de uma "Cidade Princesa". In: CHAVES, José Olivenor Souza (Org.). **Vale do Jaguaribe**: histórias e culturas. Fortaleza: Luxprint Off Set, 2008. p. 107-124.
- MACHADO, José Wellington de Oliveira. Entre fronteiras de dois rios: a Ilha-Pátria de Limoeiro. In: CHAVES, José Olivenor Souza (Org.). **Vale do Jaguaribe**: Autos do Passado. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010. p. 29-42.
- NUNES, Antônio Pergentino. **Minha Vida... Minha Luta...** Fortaleza: Premius Editora, 1999. 384 p.

PINHEIRO, Francisco Irajá. **O Menino da Ilha**. 2. ed. Fortaleza: não possui, 1997. 149 p.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença. In: PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 47-87.

SILVA, Lúcia Maria da (Org.). **Àlbum do Jaguaribe, 1998**. Fortaleza: Premium, 1998. 128 p.

THOMPSON, Edward Palmer. Introdução: costume e cultura. In: THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-24.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 420 p.

PARLENDAS: O SABER FOLCLÓRICO POR VERÍSSIMO DE MELO (1949)

Ewerton Wirley Silva Barros
Mestrando em História (UFPE)
ewertonwirley@gmail.com

RESUMO

Nos anos 1940, o saber folclórico passou por efervescência intelectual brasileira na construção de seu escopo teórico-metodológico. Veríssimo de Melo (1921-1996) foi um dos intelectuais que portou-se na contramão da fabricação até então realizada pelo Movimento Folclórico Brasileiro: inclinou suas análises às expressões culturais infantis. Alguns desses resultados podem ser averiguados na sua obra *Parlendas* (1949), que reuniu parlendas infantis e através delas realizou proposições teóricas no saber folclórico. Desse modo, nosso objetivo central é de problematizar os mecanismos utilizados por Veríssimo na referida obra para a construção do saber folclórico, bem como investigar o cenário intelectual que o primeiro esteve inserido. A nossa fundamentação teórica baseia-se nas reflexões de *intelectual, biografia, memória e relações de saber e poder*, propostas por, respectivamente, Bourdieu, Bergson e Foucault, e instrumentalizamos a nossa metodologia na *arqueologia do saber* por meio deste último.